

A Educação Ambiental nas escolas públicas de Ituiutaba-MG: diferentes enfoques, diferentes olhares

The environmental education in the schools of Ituiutaba-MG: looks and approaches

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar se a Educação Ambiental é trabalhada em escolas públicas estaduais do município de Ituiutaba – MG e quais as concepções dos alunos e professores sobre Educação Ambiental. O trabalho foi desenvolvido a partir do enfoque metodológico quali-quantitativo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com professores e alunos do ensino fundamental, além de análise do Projeto Político Pedagógico das instituições em questão. Os resultados revelam que apesar dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas negligenciarem a Educação Ambiental, esta vem sendo desenvolvido sob forma de projetos ou mesmo incorporado às disciplinas, principalmente Ciências e Geografia. Percebeu-se que predomina entre os alunos uma visão antropocêntrica e utilitária de ambiente e, entre professores e alunos, uma visão tradicional sobre Educação Ambiental. Chamou a atenção o fato dos alunos reconhecerem a instituição escolar como a principal fonte de conhecimentos sobre Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental, currículo escolar, concepções

Abstract

This study aims to examine whether the Environmental Education is worked in state public schools in the city of Ituiutaba - MG and the conceptions of students and teachers on environmental education. The work was developed from the qualitative and quantitative methodological approach. Data were collected through semi-structured interviews with teachers and elementary students, and analysis of the Pedagogical Political Project of the institutions surveyed. The results show that despite the Pedagogical Political Projects of the schools do not address environmental education, this has been developed in the form of projects or even incorporated into the disciplines, particularly science and geography. It was noticed that prevails among the students an understanding anthropocentric and utilitarian environment, and between teachers and students, a traditional view on Environmental Education. Also noteworthy is the fact that the students recognize the educational institution as the main source of expertise on environmental education.

Keywords: Environmental education, curriculum, conceptios

Introdução

A escola tem um papel crucial na educação do indivíduo, pois é um dos locais onde ocorre maior fluxo de saberes e perpassa toda a formação do sujeito. Por esse motivo, considerando-se a necessidade de superação dos impasses que se apresentam ao ser humano nas últimas décadas, tem sido atribuído à escola um papel de destaque na educação ambiental dos sujeitos.

Segundo Dias (2004) a Educação Ambiental é um processo permanente no qual os

indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros. A partir da conscientização da sociedade, será possível traçar estratégias para minimizar, ou mesmo resolver tais problemas.

Deste modo, pode-se dizer que, de maneira geral, a Educação Ambiental que se pretende que seja desenvolvida nas escolas tem como objetivo diminuir o distanciamento das crianças e jovens com a natureza, por meio de atividades que despertem a consciência crítica para a compreensão de todos os problemas sociais, buscando as melhores soluções.

Para tanto, diferentes esforços vem sendo feitos, de forma a possibilitar a concretização destes anseios. No Brasil, por exemplo, desde a segunda metade dos anos 90 vem sendo criadas e propostas diferentes políticas públicas e diretrizes no sentido de incentivar a Educação Ambiental no ensino fundamental (MELO, TRAJBER, 2007).

O grande marco deste processo foi a criação da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, criando a Política Nacional de Educação Ambiental. E de acordo com Dias (2004), foi a partir daí que passou a se ter os instrumentos necessários para deflagrar um ritmo mais intenso ao desenvolvimento da educação ambiental no Brasil.

Essa lei determina quais são os princípios básicos e os objetivos fundamentais da Educação Ambiental, e destaca a necessidade de se abordar o tema tanto no ensino formal quanto no informal, incluindo o Poder Público, as instituições educativas, os órgãos integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente, os meios de comunicação, as empresas-públicas e privadas, e a sociedade como um todo.

Daí para frente, uma série de documentos, propostas, leis e diretrizes vem sendo apresentadas a fim de contribuir para a formação de uma postura voltada para a preservação do meio ambiente. Apesar disso, percebe-se que se tem avançado muito pouco no que diz respeito à essa mudança. Uma das possíveis causas para isso pode estar relacionada às concepções de educação ambiental difundidas.

Reigota (1991) discute que os termos meio ambiente e educação ambiental, constantemente utilizados em fontes como livros, meios de comunicação, músicas, discursos políticos, etc, apresentam possibilidades diferentes de interpretações e vem sendo difundidas com uma diversidade conceitual muito grande, influenciada tanto pelas próprias informações veiculadas pela mídia, como pelas vivências pessoais e profissionais de quem as divulga. Sendo assim, poderão refletir nos objetivos, conteúdos e/ou métodos postos em prática no ensino.

Diferentes autores se dedicam a diferenciar as diferentes concepções de Educação Ambiental. Entre eles Sauvé (2005), Amaral (2006) e Brügger (1994).

Brügger (1994) identifica duas tendências em Educação Ambiental: uma oferecida pelas Ciências Humanas e outra oferecida pelas Ciências Naturais e Exatas. Na primeira, observa-se uma ênfase maior nos fatos histórico-sociais, em relação às questões técnicas e naturais. Na segunda, por sua vez, a situação se inverte, prevalecendo os aspectos naturais e técnicos sobre a dimensão ética, cultural, econômica e social.

Sauvé (2005), em uma análise bastante detalhada, também descreve diferentes tendências em Educação Ambiental, as quais podem ser organizadas em dois grandes grupos: um grupo com maior tradição em Educação Ambiental, por serem dominantes nas décadas de 1970 e 1980, das quais destacam-se sete tendências por ela denominadas como: corrente naturalista, corrente conservacionista/recursista; corrente resolutiva; corrente sistêmica; corrente científica; corrente humanista; corrente moral/ética; e outro grupo mais recente, com

preocupações que surgiram nas últimas décadas, o qual se desdobra nas seguintes tendências: corrente holística, corrente biorregionalista, corrente prático-social, corrente crítico-social, corrente feminista, corrente etnográfica, corrente da ecoeducação, corrente da sustentabilidade.

De forma simplificada, Amaral (2006) identifica quatro tendências principais: adestramento ambiental, desenvolvimento sustentável, ecologismo radical, crítica.

A primeira delas, adestramento ambiental, é bastante difundida em termos de programas e ações, ainda que não ocupe lugar de destaque no âmbito das discussões teóricas. Caracteriza-se pela promoção de práticas educativas carentes de reflexões críticas e de fundamentos científicos, sem respaldo no contexto sócio-econômico-cultural, ou alinhamento político-ideológico explícito. O ambiente é percebido como um conjunto de elementos naturais que precisam ser protegidos. Entende que a conquista de um ambiente saudável e equilibrado depende de uma somatória de condutas e responsabilidades ambientais individuais. Além disso, expressa uma visão antropocêntrica e utilitária da natureza, em que a ciência e a tecnologia estão a serviço do ser humano para a sua exploração (AMARAL, 2006).

A segunda, desenvolvimento sustentável, acredita na possibilidade de encontrar um equilíbrio entre preservação ambiental e desenvolvimento sócio-econômico. A visão antropocêntrica e utilitária da natureza é bastante atenuada, enquanto que a ciência e a tecnologia tem um papel de destaque na busca de soluções que garantam um desenvolvimento sustentável (AMARAL, 2006).

Ainda segundo o mesmo autor, o ecologismo radical, por sua vez, propõe profundas transformações na relação ser humano-restante da natureza. Há uma culpabilização do capitalismo, da ciência e da tecnologia pela crise ambiental. Propõe ainda um retrocesso nos atuais padrões de civilização, bem como a valorização das culturas locais.

E, por fim, a tendência crítica, que não considera a educação ambiental como algo dissociado da educação em geral. Faz objeções às demais tendências no que diz respeito, principalmente à: “*individualização da responsabilidade ambiental, destituindo-a de seus elementos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais*”; “*fragmentação, compartimentação e reducionismo dos conhecimentos sobre o ambiente terrestre, não levando em conta suas múltiplas dimensões (físicas, biológicas, geológicas, sociais, econômicas, culturais, políticas, filosóficas, ideológicas e históricas), nem a indispensável integração entre as mesmas*”; “*dissociação entre a educação em geral e a educação ambiental*”, entre outras (AMARAL, 2006, p.6). Propõe a incorporação do cotidiano do aluno e de suas concepções prévia, a contextualização histórica e o desenvolvimento de saberes interdisciplinares.

No que diz respeito às manifestações curriculares dessas tendências, Amaral (2001) diferencia diferentes modalidades de abordagem da Educação Ambiental no ensino fundamental e médio: 1) *COMO ELEMENTO GERADOR DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS TRADICIONAIS*: a Educação Ambiental é concebida para funcionar como fonte geradora de assuntos e problemas ou de abordagem preliminar dos tópicos programáticos; ou ainda como elemento motivador no ensino, fomentando o interesse do aluno pela aprendizagem escolar. 2) *COMO ELEMENTO COMPLEMENTAR*: a Educação Ambiental é concebida como apêndice ou complemento dos tópicos programáticos tradicionais. Nesse caso, a realidade ambiental, em suas várias formas de manifestação, não passa de ponto de chegada do processo de ensino e aprendizagem. 3) *COMO ELEMENTO SUPLEMENTAR*: a Educação Ambiental é concebida como eixo paralelo ou suplemento dos conteúdos programáticos de uso tradicional, sendo abordada sob a forma de projetos que difundem, implicitamente, a idéia de que os conteúdos programáticos tratados em sala de aula são de outro teor e hierarquicamente superiores aos dos projetos. 4) *COMO A PRÓPRIA ESSÊNCIA DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS ESCOLARES*: neste caso, a Educação Ambiental é

concebida como elemento integrador de todo o currículo, penetrando em sua essência. 5) *COMO ELEMENTO IMPLÍCITO/OCULTO*: adota-se o pressuposto de que todo e qualquer conhecimento se refere direta ou indiretamente ao ambiente terrestre, mesmo que não seja mencionado ou estudado explicitamente nas atividades de ensino-aprendizagem. 6) *COMO ELEMENTO DE UNIDADE PROGRAMÁTICA*: A Educação Ambiental é aqui entendida como mais um tópico ou unidade do programa, antecedido e/ou sucedido por outros conteúdos de cunho não ambiental. Neste caso, a Educação Ambiental é, geralmente, desenvolvida através da abordagem de diferentes fenômenos naturais, podendo, para tanto, serem utilizados procedimentos metodológicos específicos ou mesmo manter-se a metodologia tradicional. 7) *COMO ELEMENTO TRANSVERSAL*: a Educação Ambiental é desenvolvida por meio de temas transversais, que conferem a interligação entre as disciplinas curriculares.

Estudos como o de Amaral (2004) têm revelado que a abordagem da Educação Ambiental no âmbito escolar tem-se dado de forma muito distante da perspectiva interdisciplinar, tão preconizada em diferentes instâncias, e desenvolve uma visão ingênua e universalista dos conflitos socioambientais, especialmente por não levar em conta o componente político-ideológico da questão ambiental.

A partir dessas diferentes perspectivas, Carvalho (1998) defende a importância de se conhecer o que pensam os professores sobre educação ambiental, a fim de que se possa direcionar ações e propostas a um programa de educação ambiental. E tão importante quanto conhecer as concepções dos professores, é conhecer a leitura que os alunos fazem das abordagens desenvolvidas por esses docentes, pois ela nos dá uma real compreensão de como esses conhecimentos perpassam o ideário do sujeito em formação, oferecendo condições mais concretas de readaptação destas práticas.

Os principais objetivos deste trabalho foram analisar se a Educação Ambiental é trabalhada em escolas públicas estaduais do município de Ituiutaba – MG e quais as concepções dos alunos e professores sobre Educação Ambiental.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido em três escolas públicas estaduais da cidade de Ituiutaba-MG, sendo uma escola de periferia e duas centrais. Tal escolha se deu pelo interesse em identificar as possíveis diferenças na abordagem da Educação Ambiental, considerando-se as possíveis diferenças de realidade, em função de características como: localização geográfica, características econômicas e sócio-culturais da população de seu entorno, entre outras.

Para atingir os objetivos propostos lançamos mão do enfoque metodológico qualitativo. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, realizadas com professores e alunos das escolas que foram foco de nosso estudo.

Participaram da pesquisa alunos do ensino fundamental (6º a 9º ano). A escolha dos alunos se deu por sorteio, sendo que foram entrevistados dois alunos de cada uma das turmas de 6º e de 9º ano, nas três escolas pesquisadas. Os alunos foram abordados durante as aulas e convidados a participar da presente pesquisa. Tendo aceito, participaram das entrevistas realizadas pelas pesquisadoras.

Da mesma forma, participaram da pesquisa os professores de Ciências e Geografia das turmas de 6º e 9º ano. A escolha das disciplinas se deu devido ao fato que, por afinidades, estas são as que mais frequentemente abordam questões relacionadas a Educação Ambiental.

Além das entrevistas, foi realizada ainda a análise do Projeto Político Pedagógico das instituições em questão. As informações obtidas nos documentos eventualmente foram complementadas por conversas com os gestores das escolas participantes, escolhidos aleatoriamente.

Com isso, pretendeu-se avaliar como os documentos tratam a questão da Educação Ambiental, bem como identificar as concepções dos alunos e professores sobre a Educação Ambiental, buscando estabelecer relações entre as propostas apresentadas pelo PPP e os relatos dos participantes das entrevistas.

Os dados obtidos foram analisados e sintetizados em tabelas e gráficos, para posterior interpretação e discussão dos mesmos à luz do referencial teórico adotado.

Resultados e Discussão

Para resguardar a identidade das escolas, utilizaremos ao longo do trabalho a denominação Escola 1 e Escola 2 para identificar as escolas centrais e Escola 3 para identificar a escola de periferia.

Na escola 1 foram entrevistados doze (12) alunos (sendo seis do 6º ano e seis do 9º ano, dois professores), dois professores (um de geografia e o outro de Ciências) e uma vice-diretora. Na escola 2 foram entrevistados quatorze (14) alunos (sendo seis do 6º ano e oito do 9º ano), três professores (um de geografia e dois de Ciências) e uma supervisora. Na escola 3 foram entrevistados dez (10) alunos (sendo seis do 6º ano e quatro do 9º ano), três professores - um de geografia e dois de Ciências e uma vice-diretora.

Após a análise detalhada do PPP das escolas participantes, foi possível observar que não há nenhuma menção explícita sobre a necessidade de desenvolvido da Educação Ambiental, nem sobre a forma como essa questão deva ser abordada.

Foram identificados apenas trechos que sugerem essa questão, como por exemplo na escola 2, quando o documento aponta na apresentação a necessidade de formar o aluno para “Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente”.

A despeito disso, os gestores de todas as escolas afirmaram que nas escolas analisadas são desenvolvidas atividades de Educação Ambiental em diferentes momentos, e que as instituições disponibilizam os materiais necessários e incentivam os professores a desenvolver tais atividades. Deste modo, percebe-se que no PPP da escola a Educação Ambiental é tratada como elemento implícito ou oculto (AMARAL, 2001).

Na escola 2 a coordenadora pedagógica ressaltou que apesar de não haver nenhum projeto pré-estabelecido, os professores tem liberdade para desenvolver os projetos de seu interesse ou, se preferirem, abordar na disciplina em sala de aula.

Já nas escolas 1 e 3, as gestoras comentaram a existência de projetos e que os professores também trabalham em sala de aula nas disciplinas.

Todos os professores afirmaram desenvolver atividades em Educação Ambiental, através de palestras, debates, maquetes, projetos e a escola disponibiliza de acordo com suas possibilidades os materiais necessários (data show, televisão, computador e DVD).

De acordo com Amaral (2001), essas ações caracterizam uma Educação Ambiental que é desenvolvida como “elemento suplementar dos currículos escolares”, visto que precisa se concretizar por meio dos projetos paralelos ao currículo, os quais são considerados hierarquicamente inferiores aos conteúdos programáticos tradicionais.

Segundo Vasconcelos (1997) é fundamental para que a Educação Ambiental ocorra de fato, que as práticas educativas estabeleçam relações entre os seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seus semelhantes. Entretanto, cabe lembrar que não basta que a temática seja trabalhada, é preciso ter em mente que a Educação Ambiental a ser desenvolvida deve ser planejada com base no tipo de postura que se pretende formar no sujeito.

Dentro desse contexto, as escolas tem um papel muito importante, como espaços privilegiados na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, pois isso necessita de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar.

Quanto às concepções dos professores, observou-se que todos desenvolviam uma Educação Ambiental adestradora, em que os debates devem contribuir para a conscientização e para a formação de atitudes individuais, e valores voltados para a preservação do meio ambiente (separação correta do lixo, não desmatar, entre outros) (Gráfico A).

Segundo os professores entrevistados, a maioria dos alunos são interessados em participar, por se tratar de uma aula diferente. Para os professores a Educação Ambiental contribui muito para a formação dos alunos, pois os deixa mais conscientes e conseqüentemente cuidarão melhor do meio em que vivem.

Um dos professores citou a falta de educação continuada como uma barreira para que possam desenvolver trabalhos nessa área, pois eles têm dúvidas a respeito do tema, já os outros afirmaram que não têm dificuldade nenhuma em realizar atividades de Educação Ambiental.

Não havendo discrepância entre as respostas dos alunos de 6º e 9º ano para as diferentes escolas, os dados foram analisados em conjunto.

Os resultados revelam que as concepções dos alunos sobre Educação Ambiental estão relacionadas predominantemente à Educação Ambiental Adestradora (AMARAL, 2006), de forma que a grande maioria deles entende que a Educação Ambiental seja uma forma de educar para preservar o meio em que vivemos (plantar árvores, não poluir, não desmatar, reciclar, economizar água, não queimar as florestas e os pastos e não matar animais e plantas). Também apareceram outras respostas como forma de estudar / conhecer o meio ambiente, bem como forma de conscientizar sobre a importância deste meio (Gráfico A).

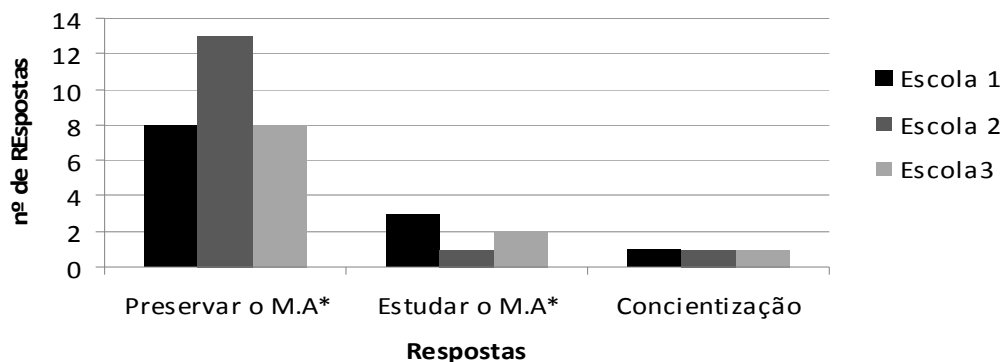
Algumas das respostas revelam que os alunos acreditam que através da Educação Ambiental seja possível melhorar o meio em que vivem, mudando seus hábitos, valores e tornando-os mais conscientes. Essa perspectiva é frequentemente difundida na perspectiva adestradora de Educação Ambiental (AMARAL, 2006).

Medonça (2007, p. 46) ressalta a importância de se desenvolver o conceito crítico de Educação Ambiental, “para não correr o risco de cair num tema neutro e despolitizado, que não provoque e/ou desperte a condição de cidadania ativa”. Mas a autora lembra ainda que

“apenas a mudança de valores e atitudes nos indivíduos preconizados pela Educação Ambiental não é suficiente para gerar mudanças estruturais numa sociedade. Pela compreensão

da complexidade, as partes não mudam necessariamente o todo (...). A mudança individual como principal vetor para a mudança global representa uma visão simplista do trabalho com as relações sociais e não é suficiente para mudar o padrão de desenvolvimento. (...) isto pressupõe também um aprendizado institucional, ou seja, (...) os elementos conceituais que orientam a Educação Ambiental poderiam estar no “núcleo duro” da institucionalidade da educação como nos projetos político-pedagógicos e na gestão.” (Ibidem)

Gráfico A: O que é Educação ambiental de acordo com os alunos das escolas 1, 2 e 3. (*M.A= Meio Ambiente)



Em suas respostas era comum os alunos citarem a importância de se preservar o meio ambiente. Desta forma, procurou-se investigar de que maneiras isso pode ser feito.

A partir das respostas dadas, procurou-se identificar as concepções de meio ambiente implícitas a essas visões.

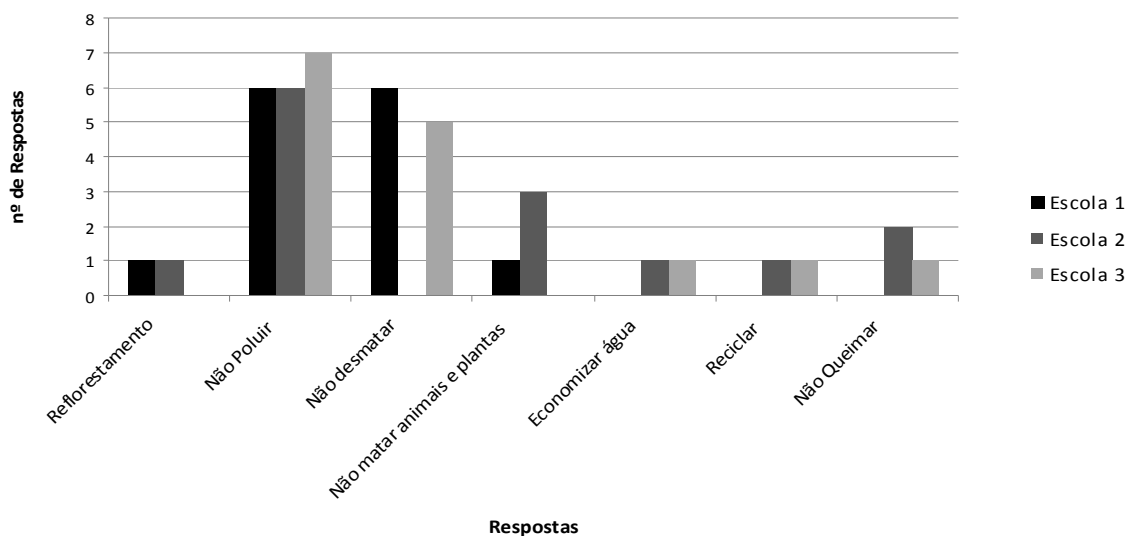
Reigota (1991), identifica três concepções principais de meio ambiente: A concepção naturalista (em que o meio ambiente é entendido como sinônimo de natureza intocada, e em que evidencia-se somente os aspectos naturais), a concepção antropocêntrica (em que evidencia a utilidade dos recursos naturais para a sobrevivência do ser humano) e a visão globalizante (em que são destacadas as relações recíprocas entre natureza e sociedade).

Os resultados revelam a presença de duas visões principais sobre o meio ambiente: uma antropocêntrica, em que os alunos descrevem o meio ambiente como os locais em que o homem vive: escola, cidade, todos os ambientes em que vivemos, etc. Outra visão também comum a estas respostas foi a naturalista, em que o meio ambiente é descrito como rios, florestas, animais e plantas.

Segundo Reigota (1991) é necessário conhecer as concepções sobre meio ambiente das pessoas envolvidas pois, só assim é possível desenvolver, de forma mais coerente, atividades de educação ambiental. Sendo assim, no que diz respeito às formas de preservação (Gráfico B), chamou a atenção a relação, não muito rara, que os alunos fazem entre esta e a correção dos danos causados pelo homem: reflorestar, economizar água, reciclar, etc.

As propostas de preservação do ambiente apresentadas pelos alunos, frequentemente traziam consigo os reducionismos relacionados à uma visão utilitarista deste ambiente.

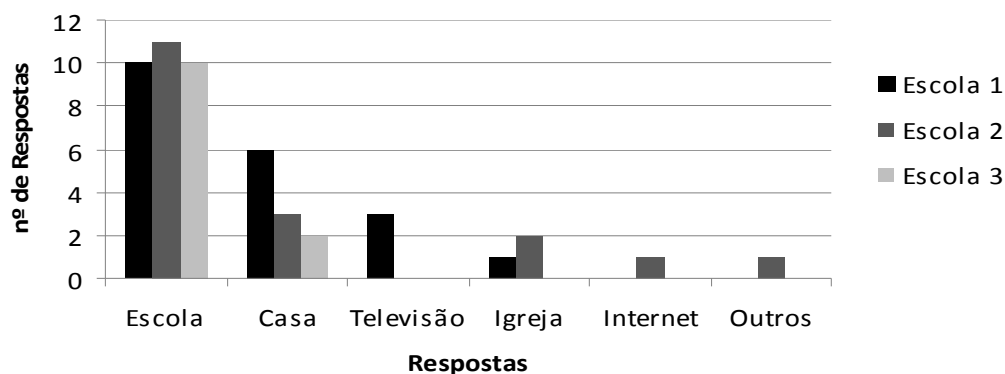
Gráfico B: Qual a compreensão dos alunos sobre o que representa preservar o Meio Ambiente (M. A).



Outros traços da visão antropocêntrica puderam ser identificados quando foi perguntado aos alunos se eles consideravam importante a Educação Ambiental e porque. Todos responderam sim, a maioria alegando ser importante para preservar nossa vida na terra e alguns disseram contribuir para o nosso bem estar, exceto um aluno da escola 2 afirmando que educação ambiental é importante apenas para o meio ambiente.

Em geral, a visão naturalista traz consigo uma dissociação entre ser humano e restante do ambiente. E esse sentir-se longe deste meio, pode estar associado também a uma tentativa de desculpar o ser humano pelos danos ambientais causados. Sobre esse aspecto, Freitas (2004) destaca que convivemos com o descompromisso dos indivíduos para com a participação na resolução dos problemas ambientais. Segundo o autor, esse descompromisso é, ao mesmo tempo, resultado de suas relações sociais historicamente estabelecidas e possibilidade dialética de construção de sociedade sustentável.

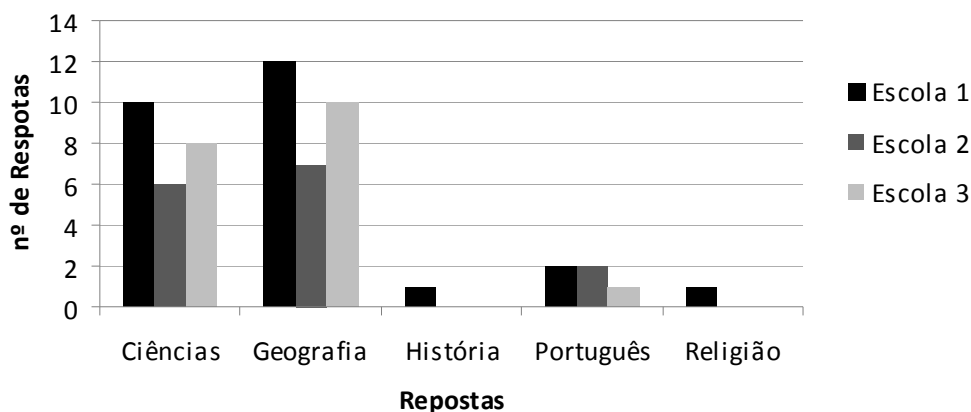
Gráfico C: Fonte de conhecimento sobre Educação Ambiental.



Com relação aos principais veículos da Educação Ambiental, os alunos destacam que a maior parte desses conhecimentos foi obtida principalmente na escola (Gráfico C), reforçando, mais uma vez, a importância desta instituição para a formação de conceitos e valores relacionados ao meio ambiente.

Por outro lado, não se pode deixar de comentar que na realidade existem vários outros 'veículos' para a Educação Ambiental, como lembraram os alunos: a família (casa), televisão, igreja, internet e outros). Sobre esses diferentes veículos de Educação Ambiental, Maimon (1996) comenta que a mídia tem o poder de moldar as pessoas, mas nem sempre o utiliza de forma correta, muitas vezes tornando-se veículos de (des)educação, pois estimulam o consumismo excessivo, difundem tragédias ambientais de forma sensacionalistas, provocando na maioria dos indivíduos a indignação, mas sem no entanto reforçar ações positivas em relação ao assunto. E sendo a escola o principal veículo de Educação Ambiental, acaba-se atribuindo a ela também o papel de desmistificar e revelar esses equívocos, dificultando ainda mais seu desenvolvimento.

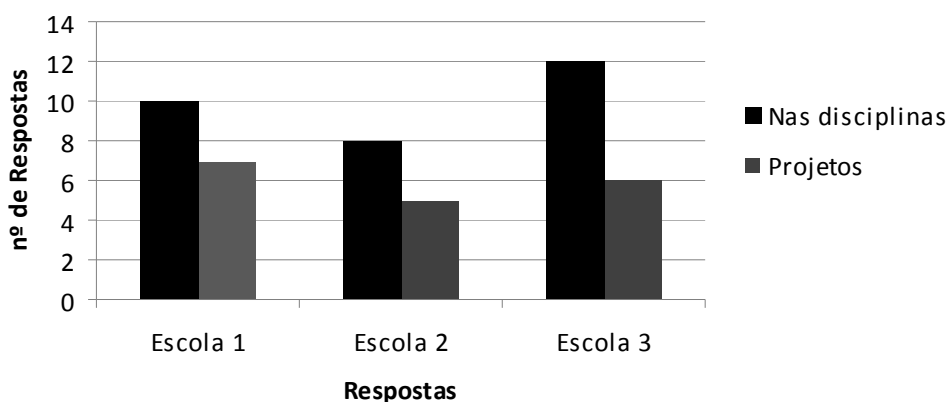
Gráfico E: Disciplinas que mais abordam o tema Educação Ambiental



De acordo com alunos, os professores que mais trabalham com Educação Ambiental são os de ciências e geografia (Gráfico E), confirmando nossa hipótese inicial. Apenas um aluno alegou que nenhum professor trabalha com educação ambiental.

Outras disciplinas também foram citadas, mas com forma de participação mais modesta. Este tema deveria ser tratado na escola de forma interdisciplinar, onde todos os professores trabalhariam juntos para desenvolver projetos. Mas essa não foi a realidade encontrada, já que a interdisciplinaridade ainda é um desafio para as escolas contemporâneas (PEREIRA, 2003).

Gráfico D: Maneira em que a escola aborda o tema Educação Ambiental.



Com relação a forma de abordagem do tema na escola, Loureiro e Cossoíó (2007) identificam três formas de abordagem da educação ambiental na escolas: projetos, disciplinas especiais e inserção da temática nas disciplinas. Nas escolas analisadas pode-se perceber que são duas, as principais formas de inserção: dentro das disciplinas e na forma de projetos, sendo que a forma mais comum é dentro das disciplinas (Gráfico D). Uma possível explicação para isso talvez seja o fato de não exigir a elaboração de um Projeto que deve ser submetido à aprovação dos coordenadores. Dessa forma, trata-se de uma proposta que confere maior autonomia para o professor, além de demandar um tempo menor para sua implementação, visto que o projeto, além do tempo de elaboração, demanda mais tempo de planejamento e organização, além da necessidade de elaboração de relatório final.

Por outro lado, estabelecendo-se uma relação entre as respostas fornecidas pelos alunos e as modalidades curriculares de manifestação da Educação Ambiental propostas por Amaral (2001), observa-se uma alternância da abordagem desta temática, ora como elemento complementar, ora como elementos suplementar, ora como elemento implícito/oculto, ora como elemento de unidade programática.

Este resultado revela uma preocupante realidade na abordagem das escolas pesquisadas: o distanciamento entre a Educação Ambiental que desenvolvem e a comunidade ao seu redor, revelando um possível conflito na coexistência entre as escolas e a comunidade.

Considerações Finais

De maneira geral os resultados revelam concepções muito semelhantes de Educação Ambiental entre os alunos das três escolas analisadas.

Foi possível perceber que apesar dos Projetos Políticos Pedagógicos negligenciarem o tema, este vem sendo desenvolvido sob forma de projetos ou mesmo incorporado às disciplinas, sendo abordado como elemento complementar, suplementar, implícito/oculto, bem como elemento de unidade programática.

Por outro lado, o cenário que se revelou não deixa de ser preocupante, especialmente pelo fato de predominarem, entre os alunos uma visão antropocêntrica e utilitária de ambiente e, entre professores e alunos, uma abordagem adestradora de Educação Ambiental.

Chamou a atenção o fato dos alunos reconhecerem a escola como a principal fonte de conhecimentos sobre Educação Ambiental, contraditoriamente ao fato desta abordagem ficar reduzida principalmente ao interior das aulas de Ciências e Geografia.

Esses resultados apontam para a necessidade de que a escola, por seu papel de destaque na formação ambiental dos sujeitos, também esteja envolvida neste processo de aprendizagem, incorporando elementos sobre a temática em seu projeto político pedagógico e buscando meios de abordá-la de forma mais crítica, envolvendo também nessas ações a comunidade em seu entorno.

Referências

- CARVALHO, J. C. M. *Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental*. Sema & Ipê, São Paulo, Brasil, 1998.
- DIAS, G. F. *Educação Ambiental Princípios e Práticas*. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.
- FIORI, A. *Ambiente e educação: abordagens metodológicas da percepção ambiental voltadas a uma unidade de conservação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 2002.
- FREITAS, M. A. *Educação para o Desenvolvimento Sustentável e a Formação de Educadores/Professores*. Florianópolis: Perspectivas, Vol. 22, nº 2, pp. 547-575. 2004.
- LOUREIRO, C. F.; COSSÍO, M. F. B. Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”. In: MELO, S. S.; TRAJBER, R. (Coord.). *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: Ministério da Educação. 2007.
- MAIMON, D. *Passaporte verde: Gerência ambiental e competitividade*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1996.
- MENDONÇA, P. R. Políticas de formação continuada de professores e professoras em educação ambiental no Ministério da Educação. In: MELO, S. S.; TRAJBER, R. (Coord.). *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: Ministério da Educação. 2007.
- MELO, S. S.; TRAJBER, R. (Coord.). *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: Ministério da Educação. 2007.
- PEREIRA, F. A. *O gestor escolar e o desafio da interdisciplinaridade*. Campinas: FE/Unicamp. 2003.
- REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. Brasiliense, São Paulo, Brasil, 1991.
- SAUVÉ, L.; BARBA, A. T.; SATO, M.; CASTILLO, E. *La educación ambiental: una relación constructiva entre la escuela y la comunidad*. Montreal, Canadá, 167pp. 2000.
- VASCONCELLOS, H. S. R. A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental. In: PEDRINI, A. G. (org). *Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas*. Petrópolis, Vozes, 1997.